

# LUIZ VAZ DE CAMÕES

500 ANOS DE GLÓRIA



“Entendei que, segundo o amor tiverdes,  
tereis o entendimento de meus versos” [Camões]

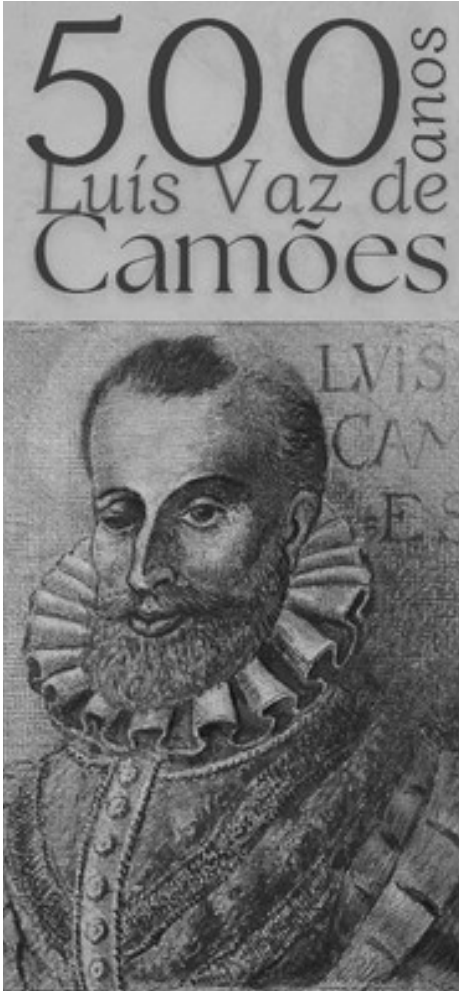
**Luiz Vaz de Camões**, o autor d'*Os Lusíadas* e Príncipe dos Poetas, exerce em todos nós, pelo seu sibilino Verbo, uma interessante, enigmática e mui encoberta revisitação ao labirinto da memória coletiva lusitana. A linguagem velada camoniana perdura, discretamente, na nossa tradição literária há mais de quatro séculos. É uma maturada **Saudade**, uma luz da epopeia de conciliar o Oriente com o Ocidente. Quando se cumpre 500 anos do nascimento e 444 anos do passamento do imortal **Camões**, a **Biblioteca Maçônica do Baixo Mondego** não poderia deixar de expressar o seu respeito e admiração pela sua prodigiosa Obra. Saudemos, portanto, o poeta-cantor da Pátria, o argonauta **Luiz Vaz de Camões**. Vale.

[Os Bibliotecários]



## LUIZ DE CAMÕES – EM SUA MEMÓRIA

“Que grandes são as cousas e excelentes  
Que o mundo encobre aos homens imprudentes” [Camões]



**Luiz Vaz de Camões**, esse Navegante do espírito e Príncipe dos Poetas que “se vão da lei da morte libertando”, exalta na sua Obra o esforço da Demanda portuguesa em ligar espiritualmente o Oriente ao Ocidente. No registo da sua poesia, por vezes “votiva”, percebe-se, aparte o triunfalismo expansionista residente n’**Os Lusíadas** e os seus infortúnios pessoais, que a obra sustenta um tempo luminoso da memória lusitana, “esse sonho imaginado” e místico de busca de uma “Jerusalém Celeste”. Não por acaso, esse debate ensimesmado do poeta, como em **Babel e Sião**, através dos mistérios da transfiguração pela Graça e pelo Amor, vai conduzir-nos à Força e Beleza da missão espiritual de Portugal (**Grande Alma Lusitana**) e, como tal, será matéria de um sentimento de saudade e de iniciação poética.

Na verdade, a mundividência camonianiana, aparte o delírio do projecto sebastianista da guerra em África, navega por uma geografia sagrada do povo da Luz (Lusitânia) que, do **cálice do Graal** (de **João Evangelista**) à epopeia do Mar (saudade da Atlântida), narra o labor da epopeia dos heróis portugueses e cultiva o “petrarquismo” do Amor Lusitano divinizado. **Camões** pertence à linhagem do Amor, seguindo uma linha da tradição primordial onde se funde “a mitologia hebraica com a greco-romana”. E aqui, se bem que harmónicos entre si, o sistema filosófico ou escola iniciática ocidental é mais “respeitador da originalidade e da liberdade individual”, sublinhando-se que, curiosamente, essa liberdade ou fraternidade do e no Homem só renasce messianicamente e é recuperada, mais tarde entre nós, com o triunfo da **revolução liberal de 1820** (**Sampaio Bruno**), de boa memória.

BMBM - n.º hors-série de Junho 2024

**Ilustrações:** Camões, por José da Costa (capa); Comemorações do V Centenário do Nascimento de Luís de Camões (capa); 500 anos de Luiz Vaz de Camões (p.2); capa da 1ª ed. Os Lusíadas (p. 3); capa dos Cavaleiros do Amor (p. 4); Dante (p. 4); Santo Ofício (BND, p. 5); Camões por Vhils (p. 7); José Liberato Freire de Carvalho (BND, p. 8); Luís Vaz de Camões, de João Ramos (p. 9); Camões Coroado pelo Génio da Nação (BND, p. 9); Francisco Freire de Carvalho (BND, p. 10); Desenhos de Alberto Pêssimo sobre Luiz de Camões (p. 11); Camões, por José da Costa (p. 12).

**TEXTOS:** Bocage, Dante Alighieri, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Solano Constâncio, Gabriele Rossetti, Jorge de Sena, José Manuel Martins, Luiz de Camões, Manuel Seixas, Sampaio Bruno

Esta edição especial foi fotocomposta pela BMBM, numa tiragem de 33 exemplares, todos fora do mercado. A BMBM agradece aos nobres trabalhadores tipográficos do Baixo Mondego.

**Luiz Vaz de Camões** – dissemos - é um “pellegrini d’Amore”. Na ilha namorada (ou centro do mundo), as mulheres adoradas ou amadas (almas gentis) iniciam-no nos mistérios, inspiram e guiam-no na sua iluminação no caminho do **Amor** e do **Conhecimento** até ao “paraíso celestial”, transformando “o amador na coisa amada”. A mulher, musa ou mestre do caminho do amor e da alma, seria mediadora do acesso ao conhecimento e guia da “transcendência divina”, um meio de atingir o aperfeiçoamento espiritual e um novo sentido da vida. Deste modo, a permanência do **Amor** será um “espelho de duas vidas” e “sobe aos céus” (morada dos Perfeitos), renascendo em vida nova e alcançando o império da Fraternidade. Assim refere **Dalila Pereira da Costa** (Raízes arcaicas da epopeia portuguesa, 1990), com a “Natércia” de **Camões** e, assim acontece em “Laura”, por **Petrarca**, ou em “Beatriz”, mulher amada de **Dante Alighieri** (**Vita Nuova**, 1292) ou “Giovanna”, para **Guido Cavalcanti**.

A tese nos **Lusíadas** (esse poema cifrado) acerca do amor espiritual e os **Fedeli d’Amore** é tentadora: o amor, o “amor ardente”, o estado amoroso prisioneiro do desejo, seria um sentimento complexo na sua fidelidade e de “uma energia luminosa que o tempo gasta”; esse amor sensível e que rege a vida interior de cada um, “estende e amplia a sabedoria e subtileza, graça e bênção” (**Ramon Llull**), porque afinal – diria **Saint Exupéry** – “só vemos claramente com o coração”. Nesta suposta teofania, com a intermediação da figura de **Natércia** (ou **Beatriz**, em **Dante**), estará o amor do intelecto, em que o desejo governa sobre a vontade e onde “a razão adormece e o coração voa” (**André Gide**). **Natércia** (para alguns **Catarina de Ataíde**, para outros a **infanta D. Maria**) pertence ao ciclo espiritual amoroso do poeta, isto é, do Amor e da Liberdade, do Amor e da Amizade, desse amor que “merece ser amado” e que nos conduz à **Sabedoria**, ao **Conhecimento Universal**, “patamar último dos graus de iniciação e que se sintetiza num pensar sentindo e num sentir pensando” (**Yvette K. Centeno**).

A filiação de **Luiz Vaz de Camões** na corrente dos **Fiéis d'Amor**, na senda da literatura trovadoresca do “amor cortês”, no cabalismo judaico e no hermetismo é um debate curioso, difícil mas possível possível [ver, com proveito, **Sampaio Bruno**, **Jorge de Sena**, **Fiana Hasse Pais Brandão**, **Yvette K. Centeno**, **Lima de Freitas**, **Helder Macedo**, **António Telmo**, **António de Macedo**, por cá; **René Guénon**, no seu **O Esoterismo de Dante**, ou as obras de **Eugène Aroux**, **Gabriele Rossetti**, **Henri Corbin**, **Luigi Valli**]. Aos **Fedeli d'Amore** se associa a milícia secreta da **Ordem do Templo** (ver Canto XXX, da Divina Comédia) e a **Ordem de Cristo**, por serem aqueles que fizeram o intercâmbio cultural e espiritual entre o Ocidente e o Oriente. Não por acaso, o **Amor** ou “saude namorada” era tema glorificado por **S. Bernardo de Clara**, o redactor dos Estatutos da Ordem do Templo – ver dele próprio, **Sermões sobre o Cântico dos Cânticos**.

**Fedeli d'Amore** seria – é inegável - uma sociedade “secreta” de literatos unidos pela poesia, um movimento poético em busca da harmonia entre a natureza, o conhecimento e o espiritual, com ritos e linguagem secreta. O **Fiel de Amor** partia do **Inferno** (mundo profano), fazia as provas (**Purgatório**) e chegava ao Conhecimento (**Paraíso**). Esse caminho ou jornada iniciática (de tradição gnóstica ou sufi), em que a sacralidade da vida explica muito dos seus mistérios (como a **heresia Cátara**), deixou um rasto indelével na literatura e na arte ocidental (ver **Novalis**, **Rafael**).

**Luiz Vaz de Camões** “deixou a sua vida pelo mundo em pedaços repartida” e os seus contornos biográficos são misteriosos, contraditórios e demasiado ficcionados. Mas, é bem possível que **Luiz Vaz** fosse radicado a **Coimbra**, por descendência do ramo familiar dos **Camões de Coimbra**; filho de **Simão Vaz de Camões** e de **Ana de Sá** (dos “Macedos de Santarém”) tinha como tio, o **Prior Geral da Congregação de Santa Cruz** (constituída pelos mosteiros da Santa Cruz, S. Vicente e Grijó, por **Breve do Papa Paulo III**) e cancelário da Universidade, **D. Bento de Camões**. E, provavelmente, foi o tio que o orientou nos estudos (Cursos de Arte do Mosteiro de Santa Cruz ?), pelo que, e não existindo “verdades biográficas” quanto a **Luiz Vaz**, o “engenho”, a ilustração e a espiritualidade de **Camões** foi formada no ambiente dos agostinianos e nos “saudosos campos do Mondego” (ali, antes de 1543, teve como bom amigo, **Jorge de Montemor**). Aliás, todos os biógrafos camonianos dizem ser **Luiz Vaz** portador de uma “cultura vastíssima”, conhecer a cultura da antiguidade clássica e ser “seguro de conhecimento”.

A propósito, em 1538, como que existiam duas universidades em Coimbra: uma na Alta (**Paço Real**) e outra na Baixa (**Mosteiro de Santa Cruz**). **Coimbra**, desde o dealbar do século XVI, era um centro difusor de cultura e mesmo de ideias heterodoxas ou “heréticas”, como do humanismo erasmiano ou dos aluminados (**Jorge de Sena**, **Trinta Anos de Camões**)



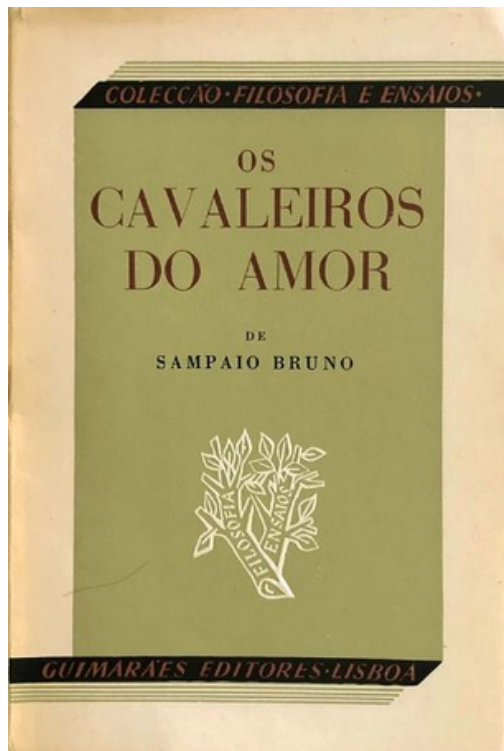
estes por vezes chamados de “iluminados místicos” ou “quietistas”. Depois, e no ano da morte do vate **Camões** (1580), o **Mosteiro de Santa Cruz** toma o partido do Prior do Crato contra o usurpador **Filipe II**, exilando-se o seu prior-geral **D. Lourenço Leite**, valorizando o governo o **Mosteiro de S. Vicente de Fora**.

O culto de **Camões** era já uma realidade em meados do século XVII e foi-se intensificando nos séculos seguintes. Mas as **Comemorações do Tricentenário de Camões de 1880** (8 a 10 Junho), em período de profunda crise intelectual e política do país, foram das mais memoráveis, imponentes e comoventes manifestações populares, nunca vistas. A proposta do **Tricentenário**, lançada no seio da **Sociedade de Geografia de Lisboa**, teve como um dos seus principais promotores o distinto republicano **Teófilo Braga**. **Teófilo** elegeu a **Comemoração** como incontestavelmente nacional e patriótica e os aplausos unânimes da população assim o testemunharam. O cortejo cívico e as diferentes comemorações desse ano em memória do genial e imortal **Camões** e de **Vasco da Gama** souberam elevar o ideário republicano, do mesmo modo que foi consolidado os interesses e a consciência nacional. A alma de **Camões** era a **alma lusitana** – coube-lhe essa glória.

500 anos passados sobre o seu nascimento e em testemunho de gratidão à sua memória, saudemos o altíssimo e sublime poeta, o “varão assinalado” **Luiz Vaz de Camões**.

J.M.M.

# FEDELI d'AMORE



... O filósofo positivista **Émile Littré**, discorrendo acerca de **Aristóфанes** e **Rabelais**, interrompe-se para advertir que, em meio do seu Inferno, **Dante** se detém para exclamar:

O voi, ch'avete gl'intelleti sani  
Mirate la dottrina che s'asconde  
Sotto'l velame delli versi strani

Comenta o grande erudito que muitíssimo esses versos haviam ocupado os comentadores do grande poeta, sem que houvessem podido pôr-se de acordo sobre o sentido profundo, oculto «sous le voile des vers étranges».

Esse sentido oculto julgava, e bem, encontrá-lo **Gabriele Rossetti**, supondo que a **Divina Comédia**, toda ela, está escrita numa linguagem simbólica: pelo Inferno, cumpre entender o mundo governado pelos papas; pelo Paraíso, o mundo tal-qual ele seria sob a dominação imperial; por Satanás, o próprio papa; por **Beatrice**, a felicidade que há-de realizar o governo dos imperadores, etc., consoante, com maior ou menor fidedignidade, lhe resume as teorias o Sr. Jeanroy, que após as qualifica de «singulares». Esse sentido oculto, na esteira de Rossetti, por sua vez **Eugène Aroux** o pensara descobrir nas suas brochuras destinadas a provar que o poeta do Inferno era um herético ...

[**SAMPAIO BRUNO**, Os Cavaleiros do Amor, p. 64]

... Mas também com o **Dante**, que exclamava que lhe descobrissem a doutrina encoberta, se parecia **Camões**, proclamando a seus leitores que lhes era preciso atingir ao entendimento pleno e perfeito do seu «breve livro». E, anotando os versos: Entendei que, segundo o amor tiverdes, tereis o entendimento de meus versos, pondera

que «quanto a que não poderá julgar de escritos amorosos quem não for Amante, coisa certíssima é essa. Ditos há (escreve) que em Enamorados são extremos de galanteria, e fora de ali são loucuras, e até heresias. Nos Cancioneiros Gerais de Castela e Portugal (que todos constam de obras de Autores que viviam reinando nestes dois Reinos Fernando o Católico, e Manuel, e alguns poucos antes) se proibiram alguns Poemas por conter algumas heresias, olhadas à luz de quem não amava; e que creio que os que as escreviam não as tinham por tais; sendo tanto ao contrário que então se mostrava o mais fino amante aquele que maior heresia deitava pela boca fora. Esta razão, e não a ignorância, ou crença, era o que fazia dizer aqueles desatinos naquela idade: estranhava-os aquele que não amava: amava-os aquele que não era estranho ao Amor ...

[**SAMPAIO BRUNO**, Os Cavaleiros do Amor, p. 71]



... Damas que sabeis do Amor,  
convosco vou falar da minha Amada,  
não para acabar o seu louvor  
mas para aliviar o fogo que em mim arde ...

[**DANTE**, Vida Nova, p.39]

... É regra essencial da ciência arcana que quem faz o labirinto tenha de lhe fazer também a chave, e **Dante** fez um e fez a outra; mas as mesmas regras impunham-lhe que desse à chave uma natureza análoga, e colocá-la em tal sítio, que somente um olhar doutrinado conseguisse discerni-la, e que somente uma mão perita pudesse utilizá-la; e ninguém melhor do que ele soube ajustar-se a tal preceito ...

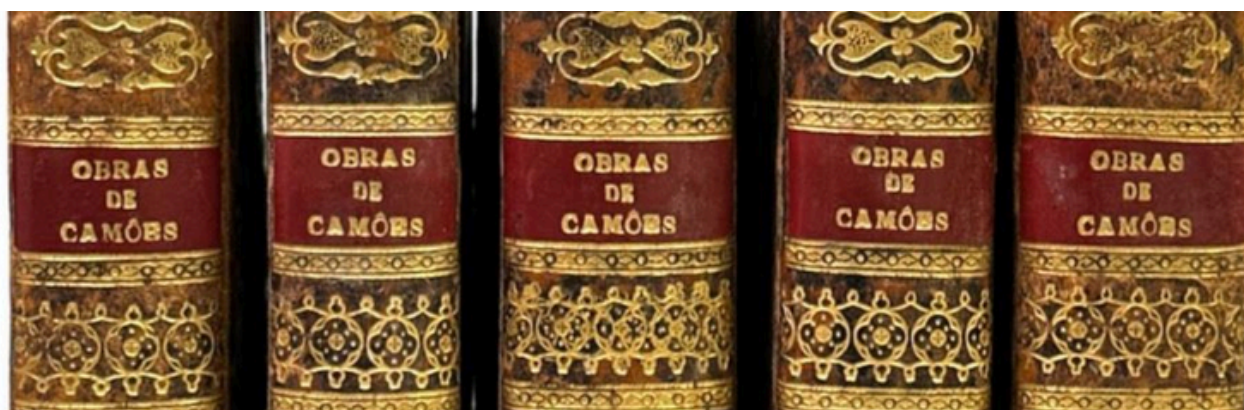
[**GABRIELE ROSSETTI**, *apud* António de Macedo, Cristianismo Iniciático, p. 549]

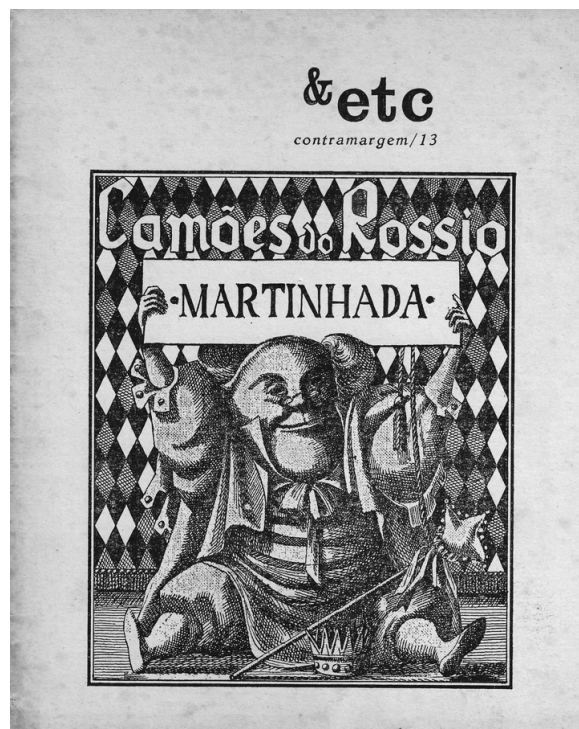
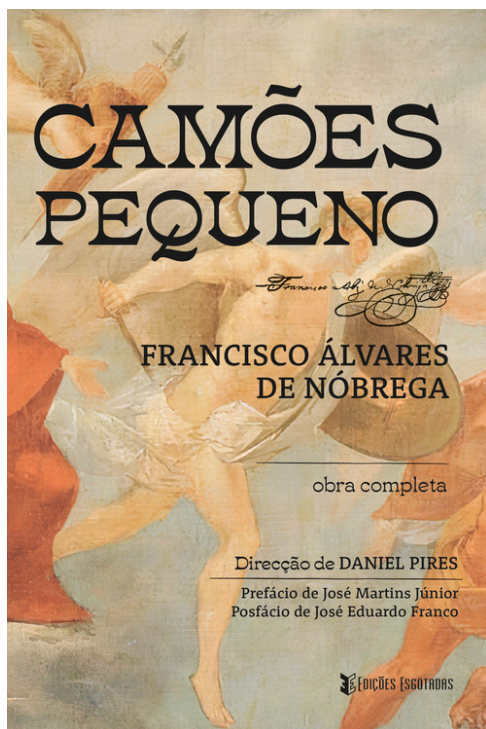


# S INQVISIDORES APOSTOLICOS CONTRA A HERETICA

PRAVIDADE, E APOSTASIA NESTA CIDADE DE COIMBRA, & seu districto, &c. Fazemos saber a todos os que esta nossa Carta virem, ou della por qualquer via teuerem noticia, que sendo informados, como de presente tem sahido a luz, hum liuro intitulado Lusiadas de Luis de Camoës, commentadas por Manoel de Faria, & Souza, Cauallero de la Orden de Christo, y de la Casa Real, impresso em Madrid, por Iuan Sanches, no anno de 1639. no qual se contem muitas cousas indecentes à pureza de nossa Religião Catholica, escandalosas, & offensiuas às orelhas dos fieis Christãos explicando o Autor muitos lugares da Sagrada Escripтура, applicandoos com pouca piedade a cousas profanas, fallando immodestamente na Sanctissima Trindade, no Spirito diuino, nos Sacramentos da Santa Madre Igreja, & na Virgem Sanctissima nossa Senhora, a propriandolhe figuras torpes, & lasciuas, & fabulas profanas. E confidendo a obrigação que nos corre de tirar aos fieis Christãos toda a occasião, não só de se poderem preuerter, & defencaminhar nas materias de nossa Santa Fè Catholica, mas ainda de se escandalisarem, & offenderem. Pella presente, Authoritate Apostolica mandamos a todas, & quaesquer pessoas Ecclesiasticas, seculares, & regulares de qualquer grao, estado, condição, ordem, & preheminencia, que sejam, izentas, & não izentas, em virtude da sancta obediencia, & sobpena de excommunhão mayor ipso facto incurrenda, cuja absoluição a nos reseruamos, não leão mais, nem oução ler daqui em diante o dito liuro, mas antes, as que nesta Cidade o tiuerem em seu poder, o tragão, ou fação apresentar ante nós dentro de tres dias que lhes asinamos pellas tres Canonicas admoestações, dandolhes repartidamente, hum dia por cada admoestação, termo preciso, & peremptorio, & os que residirem fora desta dita Cidade, sendo em lugar, onde ouuer Commissario nosso, lho entreguem; & quando não, aos Vigairos, ou Parrochos; aos quais mandamos sob a mesma pena no lo remettão, como titerem commodidade para isso. E passado o dito termo, não comprindo assi em todo, ou em parte (o que Deos não permita) por estes presentes escritos; pomos, & hauemos por posta em suas pessoas, cujos nomes, & cognomès, aqui hauemos por expressos, & declarados, excommunhão mayor, & as hauemos por citadas, & requeridas pera os mais procedimentos, que contra ellas mandamos fazer; alem de incorrerem na indignação de Deos Omnipotente, & dos Bemauenturados Sam Pedro, & Sam Paulo Principes dos Apostolos. E sob a mesma pena de excommunhão mayor, & de cinquenta cruzados applicados pera as despesas do Sancto Officio; Mandamos a todos os Priores, Vigairos, Reitores, Curas, & mais pessoas Ecclesiasticas, a quem esta nossa Carta for apresentada, que na hora, & dia que lhes for apontado, a leão, ou fação ler em voz alta, & intelligivel; pera que venha à noticia de todos, & ninguém possa allegar ignorancia. Dada em Coimbra, no Sancto Officio, sob nossos sinaes, & Sello d'elle, aos 20. do mes de Iulho, Sebastião Paes Viegas Notario do Sancto Officio o fis escreuer de mil, & seiscentos, & quarenta annos.

Os inquisidores apostolicos contra a heretica prauidade e apostasia nesta cidade de Coimbra, & seu districto, & c... fazemos saber... como de presente tem sahido a luz, hum livro intitulado Lusiadas de Luis de Camões, commentadas por Manoel de Faria & Souza... / Sebastião Paes Viegas. - Coimbra : Sancto Officio, 1640 - cortesia **BND**, com a devida vènia.





## CAMÕES GRANDES E PEQUENOS, DO ROSSIO E DO BALIO

Não é **Camões** quem quer. E ter alcunha de “**Camões**” não é atributo ao alcance de todos. Se do verdadeiro nada sabemos que acrescente, já do pequeno falaremos um pouco. E do seguinte.

**CAMÕES PEQUENO**, **Fernando Álvares da Nóbrega** (1772-1806), madeirense do Machico, entra para o seminário por ser aparente o seu intelecto desenvolvido e promissor. Aí, teve por mestre o “Cícero Funchalense”, que não lhe pode valer quando trataram de o prender e remeter para o Limoeiro por precocemente se dedicar a poemas satíricos ao **Bispo D. José da Costa Torres**, o caçador de pedreiros-livres na Madeira. Da prisão sai leproso e suicida aos 33 anos, rodeado dos seus livros e coroado pelos seus escritos.

Como nos ensina **Daniel Pires** na introdução do seu precioso trabalho que não cabe no livro de 400 páginas há pouco publicado, “...estamos em presença de um autor singular, de extrema autenticidade, com ideais elevados, cujo percurso literário foi muito atribulado, não o sendo menos a sua trágica biografia - ... livre-pensamento e transgressão... maçonaria e direitos humanos ... crítico da nobreza e exaltador de mérito, era o alvo ideal para a polícia política do tempo.

Já quanto ao **CAMÕES DO ROSSIO** temos outra conversa. De **Coimbra** estudante já trazia a alcunha de **CAMÕES**, acrescentada de **ROSSIO** a partir do seu estabelecimento na baixa lisboeta, ora Juiz do Crime da Mouraria ora Corregedor do Bairro do Rossio. Fisicamente dono de uma “expressividade cómica”, talvez por balofo e atarracado atrás de uns óculos minúsculos, pertenceu à **Academia Real da História**, escreveu memórias e epicédios, sonetos entre os melhores da época mas, o que trouxe à eternidade **Caetano José da Silva Sotomaior** (1694-1739), alentejano de **Oliveira** e Canónico por **Coimbra**, foi um dos mais altos pontos da “pornografia à portuguesa”, **A MARTINHADA**, “poema épico-obsceno dedicado ao **Rv.mo Padre M. Martinho de Barros**, escrito antes de o **Marquês de Sade** nascer e “a duas fronteiras de distância”.



## CAMÕES E A DIVINA PROPORÇÃO

Qual é o maçom esclarecido indiferente à “proporção dourada”, “divina proporção”, ao “número de ouro”? Longe de insinuar a qualidade maçónica de **Camões** ou do autor, não deixa de nos interrogar a razão porque a segue um e a descobre outro.

É o título de um extenso ensaio de **Vasco Graça Moura** [1] dedicado ao longo poema/redondilha **SOBRE OS RIOS QUE VÃO** [2], “um texto medido e estruturado pitagoricamente, a tal ponto que se diria construído com a ajuda de régua, esquadro e compasso...” , nas palavras do prefácio pelo autor. Obra com “várias afinidades” com “a longa jornada de Dante”, poética e humanista, escalpelizada por **VGM**, “trata-se de uma belíssima meditação sobre as errâncias de uma vida atribulada [3]”.

A poesia bíblica sempre foi fonte de inspiração poética mas estaria em voga na Europa quinhentista. Em particular, o **salmo 136**, pela sua beleza e possibilidades interpretativas [4], teve concorrentes em várias épocas e com várias intenções. É inegável a sua intemporalidade e arriscamos, nós próprios, a sua aplicação à realidade actual, digo, aos dias de guerra de hoje, Junho de 2024.

Após a conquista e destruição de **Jerusalém** por **Nabucodonosor** em 586 DC, o povo exilado nas margens dos rios da Babilónia recorda-se com tristeza da sua terra, chora a sua perda de **Sião** e recusa a alegria dos seus cânticos [5]. Mas ao seu deus implora que lhe dê força e vontade de vingança para que no futuro possa retribuir igual destruição e sofrimento aos **filhos da Babilónia**. Ontem **Mariupol**, hoje **Gaza**. Amanhã o que será? Como será? [M.S.]

[1] “... um dos mais finos e modernos exegetas da obra camoniana...”, Rebelo, Luis de Sousa – “Recensão Crítica”, in Revista Colóquio/Letras nº 92, Jul. 1986.

[2] A célebre redondilha de 365 versos de Luís de Camões, conhecida por Super flumina ou redondilhas de Babel e de Sião, poema inspirado no texto bíblico do salmo 136 (Vulgata) cujo tema versa o cativeiro dos Hebreus na Babilónia.

[3] Rebelo, Luis de Sousa – “Recensão Crítica”, in Revista Colóquio/Letras, nº 92, Jul. 1986.

[4] Ainda hoje a canção jamaicana “Rivers of Babylon”, especialmente na sua versão para dança pelos Boney M, é universalmente cantada e conhecida.

[5] Ver Bíblia Vulgata, salmo 136: - Junto aos rios da Babilónia nos sentámos e chorámos, lembrando-nos de Sião, e sobre os salgueiros suspendemos as nossas harpas ... lembrai-vos Senhor dos dias em que gritavam “arrasai-a!” (Jerusalém) ... feliz o que esmagar os teus pequenos filhos (da Babilónia) contra uma rocha!



## CURIOSIDADES CAMONIANAS

No jornal coimbrão **O DESPERTAR**, em Abril de 1930, noticia-se a concorrida conferência ocorrida no **Ateneu Comercial de Coimbra** [1], pronunciada pelo Sr. **Eduardo Moreira** [2], intitulada **A CULTURA BÍBLICA DE JOÃO DE DEUS**, integrada nas festas comemorativas do Centenário deste poeta algarvio.

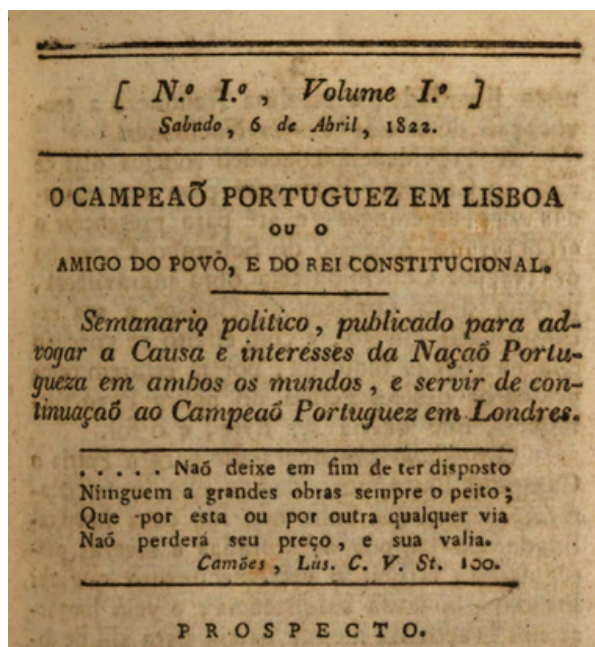
Com algum espanto, mas não sem razão, relata o articulista **Pedro Olaio** [3] que, de entremeio com **Bocage** e **Anastácio da Cunha**, o prelector afirmou que a cultura humanista e o conhecimento e influência bíblica se destacavam na obra de **Camões**, e que seria necessário “**fazer-se conferências camoneanas, pois há muita gente que conhece Camões somente por ser cego de um olho...**”. [M.S.]

[1] Associação de classe fundada em 1910, com sede no Pátio do(s) Castilho(s), local de muitas conferências, reuniões de associações culturais, profissionais e desportivas, curiosamente paredes-meias com o espaço onde se reunia a Loja Maçónica do Arco de Almedina.

[2] Eduardo (Henriques) Moreira (1886-1980), pastor evangélico desde 1913, homem de “sólida cultura, aliando uma eloquência persuasiva a uma rara estrutura intelectual”. Republicano persuadido (membro do Partido Republicano desde 1906), vereador do município de Lisboa (1920), abandonou a militância política e a sua participação na maçonaria, dedicando-se em exclusivo à causa cristã, passando a ser secretário-geral da Associação Cristã da Mocidade do Porto, em 1922. Fundador da revista “Triângulo Vermelho”, secretário-geral da Associação de Escuteiros e iniciador do “Dia do Gaiato”, sócio correspondente de O INSTITUTO (de Coimbra), foi o primeiro secretário-geral da Aliança Evangélica Portuguesa. Em 1947 foi ordenado presbítero da igreja Lusitana. O seu carácter “ACMista” justificará o facto de ter sido apresentado ao público, nesta conferência, pelo Dr. António de Sousa, secretário da ACM de Coimbra.

[3] Pedro Olaio (pai, José), (1903-1997), conhecido e multifacetado artista coimbrão. Pedro Olaio (pai), Começou a pintar com 17 anos. O Porto, cidade onde viveu, serviu-lhe de inspiração para os seus trabalhos, ficando celebrizado com os noturnos, paisagens e trechos citadinos.

## UMA EPÍGRAFE ESCOLHIDA DE CAMÕES



Na epígrafe/inscrição do Jornal **O CAMPEÃO PORTUGUEZ EM LONDRES** [1], em Julho de 1819, foi colocada a estrofe 100 do Canto V de **OS LUSÍADAS**:

*... Não deixe enfim, de ter disposto  
Ninguém às grandes obras sempre o peito;  
Que por esta, ou por outra qualquer via,  
Não perderá seu preço, e sua valia.*

O genial **LUÍS VAZ** era, uma vez mais, escolhido e as suas palavras seriam a bandeira que o autor do novo periódico - **JOSÉ LIBERATO FREIRE DE CARVALHO** - queria hastear e com elas contagiar os seus leitores e os portugueses em geral.

O ano de 1819 pedia que fossem praticados grandes feitos, que de uma ou doutra maneira seriam recompensados. E **Liberato** prontifica-se a isso: pela sua pátria vai "alçar uma voz livre, independente e enérgica, sem curar de quantas perseguições lhe pode atrair essa nobre defesa. A sua divisa será sempre a seguinte - **fais ce que dois, advienne qui pourra**" [2] e [3].

Podemos dizer que foram ouvidos os apelos do **CAMPEÃO PORTUGUEZ**, pois a **Revolução Liberal de 24 de Agosto** não tardou muito (menos de 14 meses) assim como podemos afirmar que **Liberato** se dispôs e ofereceu o seu peito à luta, vendo em poucos meses o seu jornal ter a circulação interdita e a venda proibida em ambos os lados do Atlântico, no Rio de Janeiro e Lisboa [4]. [M.C.]

[1] O Campeão Portuguez, ou O Amigo do Rei e do Povo: jornal politico, publicado todos os quinze dias para advogar a causa e interesses de Portugal, por José Liberato Freire de Carvalho. V. 1, nº 1 (jul. 1819) - v. 4, nº 36 (jun. 1821), London : Impresso por L. Thompson.

[2] Idem, PROSPECTO – pág. 4

[3] "faz o que for preciso, aconteça o que acontecer", divisa atribuída a Balduino IV de Jerusalém.

[4] Edital de 10 de Fevereiro de 1820.

\*\*\*

## VOLTANDO OS OLHOS PARA A PÁTRIA

Voltando os olhos para a pátria, que é o alvo constante de todos os nossos trabalhos, achamos sobejas provas do que acabamos de estabelecer. Quantos poetas ilustres não produziu o nosso **Portugal**, com o seu limitado terreno e diminuta povoação, e em tão curto espaço de tempo, desde que entre nós penetrou a aurora do gosto, o conhecimento da literatura italiana, e apenas principiámos a estudar os clássicos da antiguidade!

Que proveito durável tirarão as letras das belas produções de **Sá de Miranda**, de **Ferreira**, de **Caminha**, de **Bernardes** e de **Camões**, não menos admiráveis pelo estro e gosto que as distingue, que pelo elevado carácter, profundo saber e sã filosofia dos seus ilustres autores? Quão pouco nos alumiou tão brilhante clarão! Bem depressa nos engolfámos no abismo do mau gosto do qual ainda não conseguimos descartar-nos.

E de onde veio tão rápida decadência? Naqueles egrégios escritores achamos a resposta. Todos eles se queixam da falta de discernimento do público, e da pouca conta em que ele tinha a poesia, as letras, e os poetas; o que não é de admirar vista a ignorância da maior parte da nação pouco familiarizada naquela época com estudos e composições que de terra estranha apenas começavam a ser introduzidos pelos poucos cultores das boas artes que então forcejavam por dar á pátria glória pelas letras igual á que por armas tinha adquirido. Fale por todos Camões.

O favor com que mais se acende o engenho  
Não o dá a pátria, não, que está metida  
No gosto da cobiça e da rudeza.

A perda da independência, o jugo espanhol, o desprezo da língua materna consumaram a ruína da nossa poesia, a qual só no reinado de El Rei D. José de novo

começou a florescer com lustre não vulgar. Porém a mesma causa que já tinha baldado os trabalhos dos antigos poetas agora de novo tornou quase inúteis os exemplos e os preceitos dos ilustres membros da **Arcádia**, e de alguns émulos deles.

O que lhes faltou foi, como já dissemos, um público ilustrado; e como pode um público aprender a julgar com acerto senão pela lição dos escritos dos doutos, e pela discussão literária entre eles? Como é possível de outra maneira no estado actual da sociedade formar-se o bom gosto de uma nação?

[**FRANCISCO SOLANO CONSTÂNCIO**, Annaes das sciencias, das artes, e das letras / por huma sociedade de portuguezes residentes em Paris, 1822 p. 11 e ss]



Camões, grande Camões, quão semelhante  
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!  
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,  
Arrostar co'o sacrílego gigante.

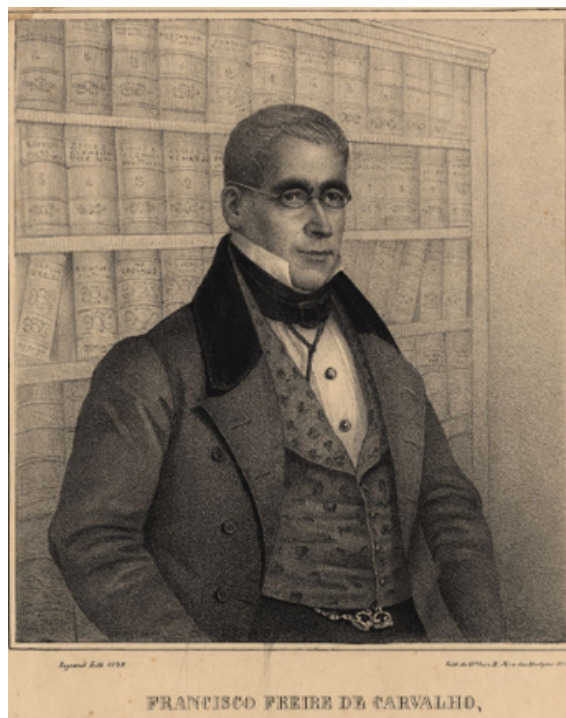
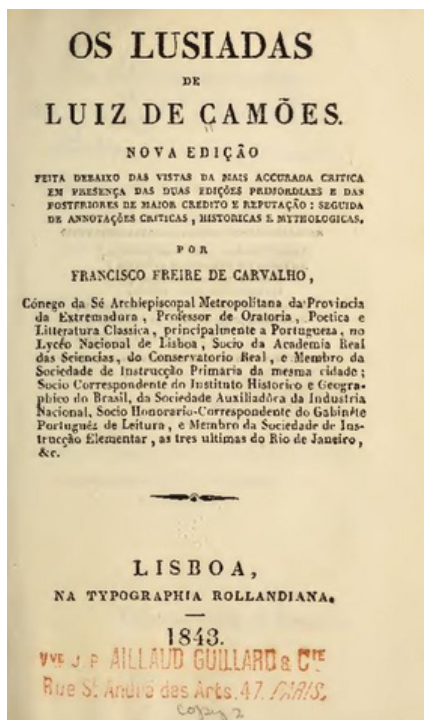
Como tu, junto ao Ganges sussurrante  
Da penúria cruel no horror me vejo;  
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,  
Também carpindo estou, saudoso amante.

Ludíbrico, como tu, da sorte dura,  
Meu fim demandando ao céu, pela certeza  
De que só terei paz na sepultura.

Modelo meu tu és, mas... oh tristeza!...  
Se te imito nos transe da ventura,  
Não te imito nos dons da natureza.

[**BOCAGE** - Camões, grande Camões, quão semelhante]





## OS LUSÍADAS (ANOTADOS)

**Francisco Freire de Carvalho**, antigo agostiniano secularizado por motivos políticos, foi professor de História e Antiguidades do Colégio das Artes, em Coimbra, e de Retórica e Poética, em Lisboa; era irmão de **Antônio da Visitação** e de **José Liberato**, ornamentos liberais de Portugal oitocentista. Entre as suas obras, de que se regista curiosos estudos sobre a História Literária portuguesa e algumas boas biografias de varões-ilustres do seu tempo, saliente-se uma nova edição de **Os Lusíadas**, edição crítica, de muita erudição e recomendável, pessoalmente por si anotada, impressa em 1843, com dedicatória a **Ferdinand Denis**.

“... Que a tipografia, donde saiu pela primeira vez á luz o **Poema Os Lusíadas**, era uma das mais imperfeitas, o mostram claramente os raros exemplares, que ainda hoje existem, das duas edições atribuídas ambas ao ano de **1572**: e quem por elas quisesse formar juízo do estado da **Arte Tipográfica** em Portugal naquele ano, ficaria entendendo, que mui fracos progressos havia ela feito ainda no País. Tal é o desalinho e grossaria, que tais edições apresentam! Todavia é fora de dúvida, que já muito anteriormente ao sobredito ano havia topografias em **Portugal**, que trabalhavam com limpeza e até com certa nitidez, qual, por exemplo, aquela, em que no ano de **1540**, foram impressas em Lisboa as Obras do nosso ilustre, posto que pouco conhecido e menos devidamente apreciado, sábio **Antônio Luiz**, precursor de **Newton** no conhecimento da grande lei da Atracção Universal. Ora é bem de presumir, que sendo o **Poema Os Lusíadas** impresso em uma tipografia ruim, bons não seriam os seus compositores e revedores, e que de tudo isto apareceriam os tristes efeitos na infeliz edição ou edições.

Demais, o exemplar manuscrito, que serviu para sobre

ele serem feitas as duas primeiras edições dos **Lusíadas**, não fora o autógrafo do Poeta, parece ser ponto fora de toda a controvérsia: Pois como convir em que **Camões**, tão conhecedor de tudo quanto no seu tempo se sabia, do que é boa prova a vastíssima erudição derramada pelos seus Escritos, fosse o copista do exemplar manuscrito de um Poema, cuja primeira edição é torpíssima pelos muitos erros de ortografia, até de sintaxe, de metro, e de rima, que nela aparecem? (...)

... Ainda mais, á vista da triste pintura, feita por todos os biógrafos de **Camões**, do estado de pobreza quase extrema, com que se achava lutando nos últimos anos da sua vida, isto é, no tempo, em que sairão á luz duas edições do seu Poema, e ambas, como geralmente se crê, do ano de **1572**; fácil é também de inferir, que não fora ele o seu editor (...), mas antes que venderia, e por mui diminuto preço, o seu manuscrito, e por consequência o seu acanhadíssimo Privilégio, a algum especulador; sendo este quem recolheu o principal interesse pecuniário das duas primeiras edições dos Lusíadas, o qual devera servir para salvar da indigência o seu altamente benemérito Autor.

— Ora, admitida esta opinião, que nenhuns visos tem de temerária (...), é de toda a probabilidade, que um tal editor dos **Lusíadas** não procederia na sua impressão com o cuidado e atento esmero de um autor amante da sua boa reputação literária.

E a mesma imperfeição tipográfica, com que foram feitas estas edições de uma Obra tão prima, acaso não é ela indício manifesto, de que fora empresa, não já do seu egrégio Autor, mas sim de um especulador com a mira posta somente no lucro, a troco de pouco trabalho e de pequena despesa?

[**FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO**, in Advertência, Os Lusíadas, p. XI e ss]



## JÁ NÃO FUGIA A BELA NINFA

Já não fugia a bela Ninfa tanto,  
Por se dar cara ao triste que a seguia,  
Como por ir ouvindo o doce canto,  
As namoradas mágoas lhe dizia.  
Volvendo o rosto, já sereno e santo,  
Toda banhada em riso de alegria,  
Cair se deixa aos pés do vencedor,  
Que todo se desfaz em puro amor.

Oh, que famintos beijos na floresta!  
E que mimoso choro que soava!  
Que afagos tão suaves! Que ira honesta,  
Que em risinhos alegres se tornava!  
O que mais passam na manhã e na sesta,  
Que Vénus com prazeres inflamava,  
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo,  
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.

[LUIZ DE CAMÕES, A Ilha dos Amores, Canto IX]



## TOMANDO-O PELA MÃO ...

Tomando-o pela mão, o leva e guia  
Para o cume dum monte alto e divino,  
No qual uma rica fábrica se erguia  
De cristal toda, e de ouro puro e fino.  
A maior parte aqui passam do dia  
Em doces jogos e em prazer contínuo:  
Ela nos paços logra seus amores,  
As outras pelas sombras entre as flores.

Assim a formosa e a forte companhia  
O dia quase todo estão passando,  
Numa alma, doce, incógnita alegria,  
Os trabalhos tão longos compensando.  
Porque dos feitos grandes, da ousadia  
Forte e famosa, o mundo está guardando  
O prémio lá no fim, bem merecido,  
Com fama grande e nome alto e subido

[*Idem, Ibidem*]



## VÊ QUE AQUELES ...

Vê que aqueles que devem à pobreza  
Amor divino e ao povo caridade,  
Amam somente mandos e riqueza,  
Simulando justiça e integridade.  
Da feia tirania e de aspereza  
Fazem direito e vã severidade:  
Leis em favor do Rei se estabelecem,  
As em favor do povo só perecem.

Vê, enfim, que ninguém ama o que deve,  
Senão o que somente mal deseja;  
Não quer que tanto tempo se releve  
O castigo, que duro e justo seja.  
Seus ministros ajunta, por que leve  
Exércitos conformes à peleja,  
Que espera ter com a mal regida gente,  
Que lhe não for agora obediente.

[LUIZ DE CAMÕES, A Ilha dos Amores, Canto IX]

# LUIZ VAZ DE CAMÕES



Podereis roubar-me tudo:  
as ideias, as palavras, as imagens,  
e também as metáforas, os temas, os motivos,  
os símbolos, e a primazia  
nas dores sofridas de uma língua nova,  
no entendimento de outros, na coragem  
de combater, julgar, de penetrar  
em recessos de amor para que sois castrados.  
E podereis depois não me citar,  
suprimir-me, ignorar-me, aclamar até  
outros ladrões mais felizes.  
Não importa nada: que o castigo  
será terrível. Não só quando  
vossos netos não souberem já quem sois  
terão de me saber melhor ainda  
do que fingis que não sabeis,  
como tudo, tudo o que laboriosamente pilhais,  
reverterá para o meu nome. E mesmo será meu,  
tido por meu, contado como meu,  
até mesmo aquele pouco e miserável  
que, só por vós, sem roubo, haveríeis feito.  
Nada tereis, mas nada: nem os ossos,  
que um vosso esqueleto há de ser buscado,  
para passar por meu. E para outros ladrões,  
iguais a vós, de joelhos, porem flores no túmulo.

[JORGE DE SENA, *Camões dirige-se aos seus contemporâneos*, Metamorfoses. Edições 70, Lisboa, 1988]